

INFORMATIVO #5

CENTRO DE COMPETÊNCIAS PARA A AGRICULTURA FAMILIAR SUSTENTÁVEL DA CPLP

*Construção de capacidades, intercâmbios de
experiências e cooperação*



CCAFS



© Jorge Bonga

Exposição de produtos dos membros da ECA Chitumba Chassela no dia de ascensão para cooperativa na presença do administrador Municipal da CONDA

Nesta edição:

Entrevista: o sucesso do modelo das Escolas de Campo de Agricultores (ECAs) nas províncias de Huíla e Cuanza Sul, Angola

Lançamento do Estudo do CCAFS

"Rede das Margaridas nos PALOP - Organização e Formação das Mulheres Rurais"

Convite

Webinário "Metodologias para a Capacitação de Agricultores/as" a ser realizado no dia 15 de junho

Realizado por

aCtuar
Associação para a Cooperação e o Desenvolvimento

ENTREVISTA: O SUCESSO DO MODELO DAS ESCOLAS DE CAMPO DE AGRICULTORES (ECAS) NAS PROVÍNCIAS DE HUÍLA E CUANZA SUL, ANGOLA



Jorge Y. Hotel Bonga é assistente técnico para a metodologia e implementação de Escolas de Campo de Agricultores no projeto SAMAP (Desenvolvimento da Agricultura Familiar e Comercialização) que está sendo realizado a partir de uma parceria entre o Governo da Angola e a FAO Angola com o cofinanciamento do FIDA. O projeto está sendo executado nas províncias de Huíla e Cuanza Sul com o objetivo de implementar 750 Escolas, estando Jorge atuando na província de Cuanza Sul, onde já foram implementadas 257 das 350 previstas para aquela província até o final do projeto.

Quando surgiram as primeiras Escolas de Campo de Agricultores em Angola?

As primeiras ECAs em Angola foram criadas em 2005 em função de um trabalho conjunto do IDA (Instituto de Desenvolvimento Agrário), da FAO e da cooperação internacional, estas foram implementadas através da assistência alimentar emergencial do Conselho Dinamarquês para os Refugiados, da FAO e da Acção para o Desenvolvimento Rural e Ambiente (...) mas tem um "boom" nos últimos anos, principalmente com os projetos MOSAP I, MOSAPII IRCEA SAMAP e FRESAN nas províncias do Bie, Huambo, Malange, Huíla, Namibe e Cunene, que contribuíram grandemente para o Governo começar a reconhecer as ECAs como uma plataforma para a melhoria da Agricultura Familiar e da segurança alimentar, diferenciando-a dos serviços convencionais de extensão rural. O Governo reconhece a metodologia ECA no Plano de Desenvolvimento Nacional de 2018 como uma prioridade para promover a agricultura familiar e melhorar o acesso ao mercado. Ou seja, as ECAS são uma arma forte para podermos alavancar a Agricultura Familiar para o benefício da comunidade. Algumas escolas já estão bem desenvolvidas, outras nem tanto. Sendo este todo um processo para conseguirmos alcançar a excelência.

Quantos agricultores e agricultoras se beneficiam do projeto SAMAP?

Em termos de Escola de Campo, nosso projeto irá beneficiar 30.000 agricultores nas províncias de Huíla e Cuanza Sul - agricultores individuais e suas cooperativas e associações.

Como o projeto foi recebido pela comunidade?

De forma geral, o projeto foi bem recebido. É uma consequência já do projeto MOSAPE II, porque segue o mesmo modelo. A população aderiu e a única dificuldade que tivemos até agora foi a Covid-19, mas de resto está tudo a correr bem. A monitoria e avaliação tem dado resultados positivos e estamos a andar assim.

O que é necessário para iniciar uma Escola de Campo de Agricultores?

É necessário formar primeiro o formador mestre, chamado às vezes de master trainer. O master trainer é recrutado pelo governo através do IDA - Instituto de Desenvolvimento Agrário, e formado pela FAO. Este treinador tem o conhecimento de toda a metodologia e ferramentas para a implementação das Escolas de Campo. O master trainer, depois disso, vai realizar o DRP com a comunidade, que é o Diagnóstico Rural Participativo, que vai indicar aquilo que a escola vai ser. Depois, com os sobas [chefes das aldeias] e toda a comunidade, fala-se das escolas e aqueles que quiserem podem aderir. Assim vão criando os grupos que são listados e sensibilizados e ali começamos a ter as congregações que depois evoluem para as Escolas de Campo.

Em cada uma das escolas são eleitos os seus facilitadores locais e a sua comissão de gestão. O facilitador também é formado. Recebe a formação do master trainer sob a orientação da FAO. Estes facilitadores são então os elementos principais para desenvolver as sessões no dia a dia. Vivem na comunidade, são filhos da comunidade, e então a extensão é feita com alguém que conhece os -



Análise econômica do estudo específico de diferentes tipos de adubação orgânica para a produção da cebola na ECA Chitumba chassela

problemas e de forma colaborativa consegue arranjar soluções dos seus problemas. Depois tem uma data de validação para que seja reconhecido o grupo como uma Escola de Campo.

Um outro elemento principal é a cotização [contribuição individual para a compra de recursos coletivos], e assim começam a dar os primeiros passos. O tesoureiro, eleito também dentro dessa Escola de Campo, presta contas de como é que os valores foram gastos. Todos os gastos são decididos de forma coletiva e registrados no caderno.

As escolas também vão passando por ciclos e depois de uma avaliação previa recebem certificados que comprovam que a escola já está madura para evoluir para cooperativa se puder.

Os projectos em geral preveem um valor chamado de fundo de reforço, entregue a escolas que já estão a caminhar para poderem ser reforçadas.

Quais são as principais atividades realizadas pelas Escolas de Campo do SAMAP?

Cada Escola do Campo é única. Elas têm um objetivo geral de fortalecer a Agricultura Familiar dentro daquelas comunidades, principalmente para que possam produzir e vender - este é o foco do projeto. Temos também outras componentes como a Agroecologia, a resiliência, o aquecimento global, a questão de gênero, entre outras dificuldades que enfrentamos hoje em dia e que precisamos fortalecer a população para poder dar resposta a estas situações - mas dentro das escolas de campo cada escola é única, tem o seu currículo de capacitação que eles próprios definem tendo como base as metas do projeto. Cada escola tem os seus problemas que pretendem resolver.

A título de exemplo, uma escola da Conda, que fica mais no litoral, poderá ter um currículo de capacitação diferente de uma Escola de Campo em um município de Cassongue, onde chove bem. É sempre específico às suas necessidades.

De forma geral, os membros das Escola de Campo de Agricultores têm conseguido construir conhecimentos através do aprender fazendo, ou seja, o conhecimento herdado dos seus antepassados e conhecimento que parte de um currículo de capacitação devidamente estruturado. A prática em terreno tem sido a primeira fonte de aprendizagem agroecológica e esta acontece na lavoura, pastoreio - é onde se desenvolvem as práticas para a busca de alternativas viáveis para a melhoria do manejo das culturas e criações.

Houve algum desafio ou momento de dificuldade de destaque para a implementação das Escolas de Campo ao longo do projeto?

O desafio foi principalmente o Covid-19, porque nós precisávamos ir para o campo, mas não podíamos. Corríamos sempre o risco de levar Covid para o agricultor, era uma dificuldade imensa. Foi um choque muito grande para a implementação do nosso projeto.

As escolas têm reportado também, desde o último ano, a seca como um desafio. Eu digo seca porque eles esperam que a chuva caia e cesse num determinado tempo e a atual imprevisibilidade da chuva atrapalha o calendário agrícola. Estamos procurando contornar este desafio com as Escolas de Campo. Por exemplo, a escola do município da Conda plantou batata doce e queriam estudar a

qualidade de algumas variedades. Colocaram três variedades no local, mas depois já não choveu. Nós tivemos que ir para lá e fazer uma capacitação de irrigação localizada, conhecida também por rega gota a gota, mas com garrafas pet recicladas. Eles gostaram e tivemos sucesso, conseguimos contornar a situação e eles atingiram os objetivos dos estudos que estavam realizando.

Essa questão da alteração do calendário já acontece há muitos anos ou é algo mais recente?

Eu diria que de 2014 para cá vem se arrastando mais, sendo o quadro mais gritante na província da Huíla. Desde 2014 temos visto esses ciclos se alterando, os próprios sobas esperam que chova num determinado momento, mas às vezes não chove, ou chove antes, o que acaba atrapalhando muito os agricultores. No passado era tradicional que a chuva caísse de forma previsível, e assim já planejavam quando colocar as sementes no chão. Depois tinham também indicadores biológicos. Era possível observar pela rota dos pássaros humbe-humbe - se saíssem do Norte em direção ao Sul, então a chuva estava para começar. Se saíssem num outro sentido era porque vinha sol. Hoje eles passam quando não deviam passar, então é complicado.

Você considera que as Escolas de Campo são importantes para o desenvolvimento da Agroecologia?

Sim. São uma ferramenta extremamente importante para a Agroecologia porque conseguem ir diretamente ao agricultor para que participem ativamente da metodologia, que é participativa, de

troca de experiências. Uma Escola de Campo pode suportar cerca de 35 membros. Eles fazem o que se chama ASAE, que é a Análise do Sistema Agroecológico, e detectam um determinado problema - esse problema é resolvido dentro da comunidade. Eles têm que decidir, todos, como atacar aquela praga, por exemplo. Alguém vai sugerir alguma coisa, outra pessoa sugere outra, e ali você vê a Agroecologia funcionar e fortalecer o conhecimento.

Há mais algum ponto que gostaria de colocar?

Só reiterar que se quisermos alavancar a Agroecologia nas comunidades rurais, a metodologia das Escolas de Campo é extremamente importante. Para tal, precisa-se continuar nessa senda e incrementar cada vez mais políticas públicas que possam fortalecer estas iniciativas.

[Quer saber mais sobre a experiência do Jorge? Participe do Webinar sobre Metodologias de Capacitação de Agricultores a ser realizado no dia 15 de junho de 2022](#)

[Mais detalhes na última página deste boletim](#)

Foto de família no dia da análise econômica da produção de cebola na ECA Chitumba Chassela (Camemba)



LANÇAMENTO DO ESTUDO: REDE DAS MARGARIDAS NOS PALOP - ORGANIZAÇÃO E FORMAÇÃO DAS MULHERES RURAIS

Através da iniciativa: “TCP/INT/3708 (D) Providing capacity development activities to the CPLP training centre on sustainable Family farming”, a FAO vem desenvolvendo ações de apoio à Agricultura Familiar na Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP), visando maior inserção feminina em suas atividades e em particular nas ações desenvolvidas pelo Centro de Competências para a Agricultura Familiar Sustentável da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CCAFS).

Neste âmbito, e reconhecendo o importante papel da articulação em rede para a promoção dos direitos das mulheres rurais na CPLP, principais responsáveis pela produção de alimentos, inclusive, seguindo uma lógica agroecológica e sustentável, a FAO apoiou o estudo “REDE DAS MARGARIDAS NOS PALOP - ORGANIZAÇÃO E FORMAÇÃO DAS MULHERES RURAIS”, realizado por Ana Paula Ferreira.

A ação visa o fortalecimento da Rede das Margaridas da CPLP, secretariada pela ACTUAR - Associação para a Cooperação e o Desenvolvimento, que reúne mulheres rurais de Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal e São Tomé e Príncipe enquanto meio de mobilização e articulação.

Este estudo buscou fazer um levantamento de informações sobre os principais problemas enfrentados pelas mulheres rurais na CPLP, com o objetivo de melhorar a percepção da FAO e do CCAFS acerca destes países (muito particularmente, dos países africanos de língua oficial portuguesa - PALOP) no que diz respeito à relação entre a agricul-

-tura sustentável, a Agroecologia e as mulheres - como base para orientar ações para o seu fortalecimento.

O estudo foi realizado sempre priorizando as lideranças articuladas nos PALOP, sendo de destacar o papel fundamental a nível nacional de Nzira de Deus (Marcha das Mulheres de Moçambique) e Cádía Fernandes (KAFO - Guine Bissau) para a mobilização das agricultoras.

Dentre as conclusões do estudo, estão sugestões e propostas para continuidade dos trabalhos de apoio e fortalecimento às mulheres rurais da CPLP, com foco nos PALOP. Mais especificamente, sugestões e orientações para processos de formações com mulheres agricultoras dos PALOP; a importância da valorização do CCAFS; sugestões de temas correlatos; e recomendações para realizar processos de formação e a organização política das mulheres.

[CLIQUE AQUI E CONFIRA O ESTUDO NA ÍNTEGRA](#)

[Clique aqui e confira também três publicações geradas pelo estudo sobre a história de vida de mulheres que fortalecem a Agroecologia na CPLP](#)

[Nzira de Deus \(Moçambique\)](#)
[Adriana Jamba, Balbina Cristina e Rosália Cásua \(Angola\)](#)
[Luizela Cabral \(São Tomé e Príncipe\)](#)

Produtoras em campo de arroz no sul de Guiné-Bissau - Projeto Mulheres Rurais implementado pela ONG Tiniguena



WEBINÁRIO

METODOLOGIAS PARA A CAPACITAÇÃO DE AGRICULTORES/AS

DIA 15 DE JUNHO ÀS 14H DE ANGOLA (WAT)

PARTICIPE DESTA DIÁLOGO!

REDE DE AGROECOLOGIA DA CPLP
COMUNIDADE DOS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA (CPLP)



Vocês pediram e nós convidamos:

- Abdalaziz de Moura - Criador da *Pedagogia de apoio ao Desenvolvimento Sustentável*
- Celina Maranhão (Agroecóloga e Agricultora) - *Desafios e fortalezas das metodologias de capacitação de agricultores/as*
- Jorge Y. Hotel Bonga (FAO Angola) - *O papel das Escolas de Campo para/na capacitação de Agricultores em Angola*

O Webinário é gratuito e aberto ao público! Compartilhe!

INSCREVA-SE AQUI